

# UM TARDIO EPITÁFIO

*Avelino Neto*



Preiro o resguardo, por isto não cito o nome do amigo e colega que se foi, por respeito a sua memória em mim.

Esse amigo e colega decidiu, um dia, por motivos particulares que não me cabe revelar, fechar o consultório, à época sabidamente o mais frequentado e invejado nessa cidade artificial, sem alma própria e cheia de almas vivas. E decidiu ser o que ele mesmo denominou de “psicanalista Avon”, em referência aos vendedores dos produtos daquela marca: ir de casa em casa!

À época, o amigo foi alvo de chacotas e até motivo de certa piedade mordaz por parte de psicanalistas e... curiosos.

Sonhei ontem com ele.

Ria muito, e me preparava uma até hoje inimitável caipirinha de limão siciliano, enquanto colocava, com maestria e gotas de suor, pedaços de papel higiênico sobre a feijoada para retirar os excessos de gordura. Que habilidade! Tocava de leve a mão envolta no papel na superfície e retirava, sem deixar traços! Puro sabor!

Acordei e vi uma comparação que confidência com os vivos. Associei aquilo que o amigo fazia, de casa em casa, com a moderna psicanálise via internet. (Já ia colocando tal psicanálise entre aspas e me contive. Seria pura implicância preconceituosa, mesmo

porque só tenho experiência com psicanálises fora de aspas e não posso falar do que não sei. Mas, como sabemos, quem não sabe imagina e o que escrevo é pura imaginação.)

Afinal, sugeriu-me o sonho, não é tudo a mesma coisa?!

Qual a diferença entre psicanálise Avon e psicanálise *internáutica*? Primeiro, as semelhanças: ambas são na casa do freguês! Outra, o produto é pago. Pode haver outras.

A diferença: psicanálise Avon é entre vivos vivos; carnes, ossos e almas presentes sob o mesmo teto.

Claro que é bastante possível, e é o que se faz, realizar análises por internet. E mais: quanto mais preparo psicanalítico tiver o analista internauta, mais formação, mais psicanálise pessoal, mais leituras, melhor habilitado estará a participar de análises à distância. Desculpem tantas digressões, mas ocorreu-me, neste ponto, o filme, de homônimo livro, *Nunca te vi, sempre te amei*. Bem, acho que por isso mesmo... Conviver é turbulento e desafiador.

Voltando, às vezes pensei que psicanálise é algo que se parece com a vida, imitando Bion que disse, algures, que se algo não se parecer com a vida não é psicanálise! Que me perdoe o grande mestre, onde quer que esteja, mas... Não! O psicanalisar, função da psicanálise, não se parece com a vida. É vida! Vida que se vai operando segundo as leis pétreas da natureza material e psíquica. As nossas leis, são, diante daquelas, meras medidas provisórias, simulacros diante de situações que pressionam arranjos imitativos e imediatos de vida. Acontece! Novamente, associo Bion nos dizendo que drogas são usadas por quem tem pressa. E, há drogas e drogas. Drogas tentam substituir realizações, nem sempre possíveis. Elaborar requer tempo. Nós, psicanalistas, sabemos disso mais que outros; fizemos, fazemos e refazemos nossas psicanálises pessoais.

Psicanálise é um dos apelidos que se dá a uma particular relação entre vivos, ao vivo!

Ocorreu-me agora que eu e o Borges nunca nos vimos (talvez por sorte minha porque, como nos disse Schopenhauer, jamais queira conhecer o autor de suas leituras prediletas: vai se arrepender!). Mas confesso que a leitura e releitura de seus livros em minha cabeceira faz-me sentir um dos personagens, o oculto, em suas obras primas. Uma delas, não por acaso, *Funes, o imaginoso*! Imaginar é sempre possível. Difícil é manter o pé, a conscientização de que se está imaginando, quando ela é o que nos resta e nos é possível. Do mesmo modo que é possível fazer psicanálise viva, é possível imaginar que se façam análises outras, quando vida, ao vivo, seja impraticável.

Padre Vieira disse, em uma de suas cartas aos amigos: “Quem está vivo sempre aparece, ou escreve cartas.”

No tempo dele não existia internet! E ele devia imaginar que as cartas iriam chegar aos seus destinos, com a esperança de que os destinatários estivessem vivos. Quem não tem cão se vira com gatos, às vezes ratos, quando a premência é caçar para sobreviver!

Cadum é cadum, como se diz lá nos Goyases!



*Avelino Neto é membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*